

190

PINR1543  
Bela... indigena

## JOSÉ RIBAMAR BESSA FREIRE

### FHC e a pátria 'chica'

Há 15 anos, live o privilégio de entrevistar um índio chamado Ampan Kracas, para o 'Porantim', um jornal mensal dedicado só às questões indígenas. Apesar de jovem, ele era um dos mais importantes líderes do povo Shuar.

Os Shuar pertencem à família dos Jibaros. No período colonial lutaram bravamente contra os conquistadores espanhóis e resistiram aos missionários. Com a independência política no século passado e a formação dos estados latino-americanos, o povo Shuar foi decepado ao meio. Uma parte ficou do lado do Equador, e a outra parte do Peru.

Hoje, os Shuar continuam gostando de enfeitar-se com luxuosas coroas de plumas e de tatuar-se com pinturas. Possuem uma emissora de rádio que transmite programas musicais e noticiários jornalísticos em língua Shuar, alternando com o castelhano.

Ampan Kracas, o nosso entrevistado, é líder Shuar do lado equatoriano. Fala, lê e escreve nas duas línguas. Maneja os dois idiomas, ambos como língua materna, numa situação classificada pelos sócio-linguistas como bilíngüismo coordenado.

Preocupado com a questão da identidade coletiva, a primeira pergunta que fiz a Ampan Kra-

cas, em um portunhol tão perfeito quanto o falado pelo Sarney e pelo Collor, foi:

— **Cuál es tu Pátria?**

O líder indígena não duvidou e respondeu em cima da bucha:

— **Mi Pátria grande es el Ecuador. Mi Pátria chica es el Shuar.**

Lembrei-me dessa entrevista ao ler o discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso, no encerramento do encontro com os governadores da Amazônia, quase todos eles com uma folha de serviços prestados contra os índios.

"Os direitos indígenas, a cultura e a tradição indígenas têm que ser respeitados", falou FHC, lembrando que foi signatário, junto com Severo Gomes, do documento em defesa da criação do Parque Yanomami. O presidente acrescentou ainda:

— **Hoje mantenho o meu ponto de vista. Uma cultura como a Yanomami é uma preciosidade para a civilização, histórica para o Mundo e para nós".**

Durante todo o período colonial, os portugueses achavam que deviam "civilizar", "cristianizar" e "portugalizar" os índios. O Estado neobrasileiro, durante o Império e a República, tentou catequizar o índio, acabar com sua

cultura, para transformá-lo num brasileiro. Agora, pela primeira vez na história do País, um presidente da República reconhece publicamente que os índios têm o direito de manter sua pátria "chica" e que isso, ao contrário do que apregoam os ignorantes e espertalhões, não afeta a segurança e a integridade do território nacional. É bom para o Brasil que os índios conservem suas línguas, suas culturas e seus saberes. O Brasil fica, assim, mais rico e plural.

Agindo desta forma, FHC nada mais faz que cumprir o seu dever de zelar pela atual Constituição Brasileira, que reconhece aos índios o direito à diferença, assegura-lhes o uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem e determina ao Estado proteger as manifestações das culturas indígenas e garantir a posse de suas terras (arts. 210 e 215), defendendo-a das invasões de grileiros ou de qualquer outro tipo de usurpador.

O reconhecimento da pátria pequena dos índios pela Constituição e pelo próprio presidente da República constitui um enorme avanço que deve ter suas consequências práticas, inibindo a ação dos inimigos dos povos indígenas.